



Onde a Terra Sussurra

Venho de um lugar que não dispõe de luxo,
nem de riquezas históricas ou grandiosos patrimônios.
A terra tem o cheirinho da infância dos meus avós,
cultivada por anos na simplicidade e na graciosidade
que fazem o meu povo feliz e orgulhoso.

De colonizadores italianos e portugueses,
dos indígenas tupi-guaranis e do imponente gavião,
ficou gravada na história a beleza e a glória
da minha formosa Acanguaçu.

É um sobe e desce danado,
entre serras e ladeiras,
onde carros e ônibus vêm e vão,
e a tradição cerca o chão
desse povo que vê nas raízes a mais pura paixão.

Dentro dos galpões e costados,
o mais velho conta ao piá o que houve com os antepassados.
A garra e a esperança das escravas que um dia
foram aprisionadas no Cerro da Liberdade
ecoam nas ruas e nos corações da cidade,
lembrando que o passado ainda molda o presente.

Um dia, as ruas do meu lugar foram palco de decisões;
hoje, restam apenas as histórias que forjaram
a memória de um povo que ainda almeja por mais.

Não temos carros caros nem grandes arquiteturas,
mas guardamos nas gravuras os laços eternos.
Família, aqui, não é apenas um rastro:
é o abraço firme, a mesa farta,
e a união do campo e do arado que move este rincão.

E quando o sol mergulha atrás das coxilhas,
tingindo o horizonte de ouro e brasa,
Canguçu repousa no meu peito
como um canto que nunca se apaga.

Al. Juliana Zanetti Pegoraro da Silva

Colégio Tiradentes – Pelotas

Gênero: poema.

Comentário da banca: O poema de Juliana é, de fato, um sussurro: dos vários antepassados, da respiração entrecortada dos transeuntes num “sobe e desce danado”, da tradição, das raízes... O texto de Juliana, por fim, é abraço. Deixa de ser sussurro para ser o canto de uma cidade. Por tudo isso, é, também, o vencedor geral.